



**Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação**

### **Relatório Final do Projeto Pontes**

OS SABERES DOCENTES DOS ALFABETIZADORES/COORDENADORES DO PROGRAMA DF-ALFABETIZADO 2ª EDIÇÃO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA COM ÊNFASE NA LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE.

M.Sc. Márcia Regina Alves Gondim

M.Sc. Rosangela Mary Delphino

**Brasília – DF**

**2013**

## Resumo

Este trabalho tem o objetivo de investigar se a formação inicial e continuada dos alfabetizadores e coordenadores populares inscritos para o Programa DF-Alfabetizado podem contribuir para uma melhor qualidade da alfabetização em EJA aos alfabetizandos matriculados no programa, ao entrelaçar as práticas de alfabetização, letramento e a sociolinguística aos princípios libertadores de Paulo Freire. Para isso utilizará a metodologia participativa com algumas aulas degravadas, a fim de observar se a alfabetizadora compreendeu o trabalho de alfabetização de adultos por meio dos gêneros textuais diversos com ênfase na leitura, escrita e oralidade.

### 1. APRESENTAÇÃO

O Programa DF-Alfabetizado-Juntos por uma nova história- tem como base dados oficiais das pesquisas da CODEPLAN/2004 que apresentou 54.247 pessoas não alfabetizadas, índice de 2,6% da população - Pesquisa Distrital de Amostra por Domicílios – PDAD; a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios-PNAD (IBGE/2009) 67.760 pessoas não alfabetizadas, índice de 3,4% da população; e o Censo do IBGE 2010, divulgado em 29/04/2011 que apresentou 63.754 pessoas não alfabetizadas, sendo 1.961.667 com 15 anos ou mais, índice de 3,25% da população não alfabetizada, além de 108.391 analfabetos funcionais, para gerenciar/administrar a seleção de voluntários por edição do programa.

A formação inicial e continuada dos voluntários ao programa tem como conteúdo os Princípios Freireanos aliados aos conceitos da sociolinguística educacional.

### 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Documento Informativo DEL UIS NRO. 15 de outubro de 2013 da UNESCO sobre Programas de Educación de Adultos y Alfabetización en América Latina y el Caribe informa que em 2010 36 milhões de adultos com 15 anos ou mais, consideraram-se analfabetos, dos quais, 20 milhões são mulheres. Dentre os

países o Brasil tem 3,8% dessa população em Programas de Alfabetização de Adultos, segundo o mesmo documento.

Históricamente o Brasil tem demonstrado preocupação com a população não alfabetizada que não teve oportunidade de acesso à escola, bem como, com aqueles que mesmo fazendo parte do ambiente escolar não conseguem sucesso com a leitura e a escrita. Na época do descobrimento do Brasil pelos portugueses os primeiros alfabetizadores de adultos, registrados pela história, foram os jesuitas. Depois, a primeira Carta Magna de 1824 trouxe a instrução primária gratuita para todos os cidadãos. Ainda assim, o Censo de 1920 registrou que 72% da população acima de 05 anos nunca havia ido à escola. Como resultado da pesquisa a Constituição de 1934 trouxe em seu texto a necessidade de oferecer Educação Básica também para jovens e adultos. Em 1940 o resultado da pesquisa realizada pelo Censo impulsionou o projeto de implantação de uma rede de ensino primário supletivo porque foi registrado 55% da população com mais de 18 anos não alfabetizada. Com o fim da Ditadura Vargas, em 1945, houve a necessidade de oferecer instrução mínima à população devido à redemocratização do país.

Lourenço Filho inspirado no método Laubach que era fundamentado nos estudos de psicologia dos EUA entre 1920 e 1930, lançou em 1947 o Projeto Nacional: Campanha de Educação de Adultos baseado nos conhecimentos prévios dos adultos. Algumas críticas à campanha, no final da década de 1950, convergiram para uma nova visão sobre o problema do analfabetismo. Surge, então, a Educação Popular de Paulo Freire consolidando um novo paradigma pedagógico em uma perspectiva político-cultural onde participavam partidos políticos de esquerda, a igreja, estudantes e outros setores. Em Janeiro de 1964 esse Plano Nacional de Alfabetização foi interrompido pelo golpe militar. Apenas em 1967 o governo militar lançou o Movimento Brasileiro de Alfabetização-MOBRAL com o objetivo de erradicar o analfabetismo e possibilitar educação continuada aos jovens e adultos.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB nº 5692/71 cria-se o Ensino Supletivo. Somente em 1985 extingue-se o MOBRAL e cria-se a Fundação Educar que promovia a execução dos programas de alfabetização por apoio financeiro e técnico às ações de outros órgãos não governamentais. O dever do Estado com a educação de jovens e adultos é ampliado na Constituição

Federal de 1988, e, em 1990 acontece a Conferência Mundial de Educação para Todos em Jontiem na Tailândia que gerou a necessidade de mudanças nos sistemas educacionais de todos os países participantes, principalmente no que se referia à alfabetização em geral. Por isso a LDB nº 9394/96 traz em seu texto a Educação de Jovens e Adultos-EJA como modalidade da Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio. Durante a década de 1990 pesquisas revelam 20% da população com 15 anos ou mais em estado de analfabetismo e analfabetismo funcional. A partir da segunda metade da década de 1990 vários segmentos sociais articularam-se dando origem aos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos- ENEJAS E EPEJAS. No final dos anos 1990, Governo Collor, surge o PNAC-Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania com o objetivo de reduzir 70% do analfabetismo. Depois surge o PAS- Programa de Alfabetização Solidária funcionando em parcerias entre o governo e instituições públicas e privadas, com a mudança de governo passou a se chamar ALFASOL- Alfabetização Solidária onde uma ONG passou a atender por recursos do programa Brasil Alfabetizado.

No ano 2000 o Brasil ainda contava com cerca de 13,6% da população não alfabetizada e 33 milhões de analfabetos funcionais. Desde 2003, o Programa Brasil Alfabetizado –PBA, do Ministério da Educação está em todo o país para aumentar o nível de escolaridade, tendo, no início, como prioridade 1928 municípios onde a taxa de analfabetismo é igual ou maior que 25%, sendo que 84% estão localizados na região Nordeste. (MEC, 2010). Entre 2003 e 2008 foram atendidos pelo programa 9.856.916 brasileiros. Em 2009 foi instituído o Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos com o objetivo de oferecer livros didáticos com linguagem adequada aos alfabetizandos e alunos jovens, adultos e idosos das entidades parceiras do programa Brasil Alfabetizado. O Distrito Federal-DF aderiu ao Programa em 2011 e passou a ser chamado: DF- Alfabetizado- Juntos por uma nova história.

A 1ª Edição concretizada em Fevereiro de 2012 com o Curso de Formação para Alfabetizadores/Coordenadores, Intérpretes de Libras, atendeu aos seguintes Territórios considerados de maior vulnerabilidade: Ceilândia( 08 turmas) Guará/Estrutural, Paranoá/Itapoã e Sobradinho (02 turmas), realizado pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação-EAPE/ Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal-SEEDF.

A 2ª Edição do programa teve início em outubro de 2012 com o curso de Formação para Formadores do Programa, o que incluiu os coordenadores intermediários das Coordenações Regionais de Ensino-CRE ligados ao programa. No período de 10 a 21/12/2012 aconteceu o Curso de formação para voluntários inscritos no programa como: alfabetizador, coordenador e Intérpretes de Libras nas 14 Coordenações Regionais de Ensino-CRE. No mês de Março de 2013, durante dois finais de semana, foi realizada a Formação para os voluntários do programa na CRE do Paranoá, área Rural.

Em junho de 2013, a equipe dos formadores da EAPE, iniciou a formação dos voluntários para o programa, segunda etapa da 2ª edição, na Cidade Estrutural. Em agosto deste ano os cursos foram realizados nas CRE de Taguatinga, Sobradinho e Plano Piloto; em setembro/2013 na CRE Planaltina, e, finalmente em novembro 2013 na CRE do Núcleo Bandeirante atendendo também a voluntários da CRE Recanto das Emas.

Os cursos foram planejados com duração de 60h, sendo 40h diretas, em 10 encontros presenciais de 4h/aula e 20h indiretas utilizadas para estudo, leitura dos textos pertinentes ao conteúdo do curso. Além dessa formação inicial, a EAPE desenvolveu também a formação continuada para os voluntários-coordenadores do programa, sempre às segundas-feiras, noturno, em 03 Pólos-Ceilândia, Paranoá, Recanto das Emas, completando a carga horária de 106h. O curso teve o objetivo de subsidiar coordenadores para o acompanhamento das turmas designadas a eles durante o período de 06 meses. Período em que os alfabetizadores estão com os alfabetizandos.

Com relação aos conteúdos ministrados na primeira edição, a formação esteve sob a metodologia de Paulo Freire, segundo o Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia-CEPAFRE, ou seja, baseado no resgate da história de vida das pessoas que está ligada à história do local onde moram, ou onde nasceram buscando com isso empoderamento e consciência de mundo, bem como sua efetiva participação no processo coletivo de transformação da sociedade.

Neste sentido, alfabetizar em qualquer cidade é ter consciência de estar discutindo projetos sociais. Por isso o trabalho com a alfabetização dos alfabetizandos ficou restrito aos cartazes com as palavras geradoras, onde inicialmente o alfabetizador deveria fazer uma pesquisa em sala, sobre o que conheciam a respeito da figura constante de um dos cartazes, após, conversa no círculo de cultura:

“É um círculo, exatamente porque assim deverão estar dispostas as cadeiras e carteiras, para que um alfabetizando possa olhar para os outros, estabelecer um diálogo onde todos são sujeitos, facilitando a comunicação entre as pessoas que se olham e trocam experiências.”  
(FREIRE, 1998)

Após esse passo, deve-se ler inúmeras vezes com os alfabetizandos, a palavra, quantas vezes se fizerem necessário para que a turma memorize a forma das letras e as sílabas, depois apresenta-se o “Cartão descoberta” que traz a família silábica da palavra geradora, onde o alfabetizando deve formar outras palavras a partir das sílabas. Nesta edição houve também conteúdos relativos à alfabetização matemática partindo de um vídeo-entrevista de Ubiratan D’Ambrósio e Paulo Freire sobre o Ser que se reconhece matematicamente.

Os Princípios Freireanos baseiam-se na Leitura de Mundo, Problematização, Diálogo e Conscientização. A pesquisa do universo vocabular é a materialização desses princípios que segue etapas, sendo a pesquisa do universo vocabular a primeira parte, depois a seleção de palavras geradoras que devem atender as seguintes questões: ter possibilidade figurativa, apresentar uma problemática existencial e dificuldades fonêmicas.

Apresentamos um quadro abaixo como exemplo de orientação fornecida aos alfabetizadores para o trabalho com as palavras geradoras porque todos receberam os cartazes com as 19 palavras. Trazemos aqui o exemplo das 04 primeiras palavras-geradoras:

ORIENTAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO COM AS PALAVRAS GERADORAS

PALAVRA-CHAVE	ROTEIRO	ORIENTAÇÃO PRÁTICA	ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA
1- LOTE	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propriedade e uso da terra;</li> <li>- Condições de vida no lote (banheiro, vizinho, etc.);</li> <li>- Aluguel;</li> <li>- Direito à terra - reforma agrária;</li> <li>- Associação de inquilinos ou moradores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação na Associação de moradores ou de inquilinos;</li> <li>- Participação do Orçamento participativo.</li> </ul>	<p>Atividade 1: “Quanto somos hoje”</p> <p>Atividade 2: O espaço vivido, percebido e representado e a relação espaço/temporal.</p>
2- COMIDA	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fome;</li> <li>- Preço-custo;</li> <li>- Saúde;</li> <li>- Alimentos básicos – educação;</li> <li>- Programas de alimentação do governo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Plantação de Hortas comunitárias;</li> <li>- Hortas nas escolas;</li> <li>- Hortas no quintal.</li> </ul>	<p>Atividade 1: “Quanto somos hoje”</p> <p>Atividade 2: Cesta básica e o Sistema de Monetário Brasileiro</p>
3- JOGO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogos de azar;</li> <li>- Jogos de diversão;</li> <li>- Jogos educativos;</li> <li>- Importância do jogo;</li> <li>- Loteria/loto (como o governo usa o dinheiro);</li> <li>- Jogo para enganar o povo;</li> <li>- Jogo como profissão e vício.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular os jogos educativos e esportes para as crianças e jovens;</li> <li>- Reivindicar espaço para o lazer e cultura na cidade.</li> </ul>	<p>Atividade 1: “Quanto somos hoje”</p> <p>Atividade 2: Estimativa e probabilidade</p>
4- SECURA	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fome;</li> <li>- Êxodo rural;</li> <li>- Vida na cidade;</li> <li>- Latifúndio;</li> <li>- Papel do governo;</li> <li>- Reforma agrária;</li> <li>- Clima seco (dificuldades e cuidados com a saúde).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprofundar o tema reforma agrária;</li> <li>- Condições climáticas do DF.</li> <li>- Cuidados para conservar a umidade;</li> <li>- Cuidados para evitar a desidratação no período de seca.</li> </ul>	<p>Atividade 1: “Quanto somos hoje”</p> <p>Atividade 2: Tempo atmosférico e construção de gráficos</p>

(Quadro 1: orientação das palavras geradoras- primeira edição do programa)

A segunda edição do programa continuou priorizando os princípios Freireanos como conteúdo, porém, teve a intenção de ampliar a competência técnica dos alfabetizadores incluindo os princípios da Sociolinguística Educacional, reflexões sobre Língua Materna, Relativismo Cultural, Variação Lingüística, Psicogênese da Língua Escrita, Reflexões sobre o Sistema de Escrita Alfabético e, principalmente, iniciar o processo de alfabetização pela Diversidade de Gêneros Textuais.

Um dos maiores objetivos de se iniciar o processo de alfabetização pelos gêneros que circulam na sociedade é localizar alfabetizador/alfabetizando em um mundo que não se restringe aos saberes escolares e, a partir das palavras encontradas nos textos utilizados, formar com eles um Banco de palavras para que possam visualizar as formas das letras e apreenderem seus respectivos sons.

Essa ideia também surgiu a partir da necessidade de aplicar os Testes Cognitivos de entrada que visam mapear os conhecimentos prévios dos alfabetizandos em Língua Portuguesa e Matemática, cujas questões são baseadas em conhecimentos de mundo por meio de gêneros textuais. ao modo da Provinha Brasil.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS/ ANÁLISE DE DADOS

Legenda

A – Alfabetizando

As - Alfabetizandos

P/A – professora

#### 3.1 Protocolo 1

A partir da música “Xote das meninas” de Luiz Gonzaga, a alfabetizadora trabalha no Círculo de Cultura explorando questões da vivência dos alunos:

P/A- Quem conhece está música? O que ela nos lembra?

A1 – Ela lembra do meu sertão. Da seca que eu vivi lá.

A2 – Eu também morei no sertão. Era muito triste. O chão cega rachava. Não tinha como “plantá

P – E por que não tinha como plantar?

A3 – A gente nem tinha como “trabaiá”.

P/A- E por que vocês não tinham como “trabalhar” também?



A3 – Não tinha como plantá professora. A gente levantava de madrugada. Mas como trabaiá? Fazer o que na roça? Lá a vida era dura.

Aqui a alfabetizadora faz uma ratificação da fala segundo Bortoni Ricardo (2005). A professora demonstra sensibilidade à oralidade dos adultos, dando continuidade à contribuição do aluno relaborando-a e ampliando-a. Nessa situação os alfabetizados realizam o fenômeno denominado despalatalização ou vocalização, isto é, redução do /lh/: “trabaiá” / Trabalhar. São traços característicos da variedade rural, analisados como traços descontínuo, analisando as regras variáveis do Português Brasileiro.

Para Bortoni-Ricardo (1998), os contínuos de urbanização, são divididos em traços graduais e traços descontínuos. Os traços graduais estão presentes na fala de todos os brasileiros e, portanto, se distribuem ao longo de todo o contínuo de urbanização. Enquanto os traços descontínuos são próprios dos falares situados no polo rural e vão desaparecendo à medida que se aproximam do polo urbano. Assim, seu uso é descontinuado nas áreas urbanas, recebendo, dessa forma, maior carga de avaliação negativa das comunidades urbanas. Na linha imaginária do contínuo de urbanização, não existem fronteiras rígidas que separem falares rurais, rurbanos ou urbanos.

Ao fazer a ratificação, a professora aponta para uma intervenção sensível, no processo denominado por Bortoni-Ricardo de “Andaimagem”, por meio de “uma pedagogia culturalmente sensível” (ERICKSON, 1987)

### 3.2 Protocolo 2

P/A – E o que representa a chuva para vocês?

A4 – A chuva é vida. Sem ela a gente não pode viver. Sem ela não tem como prantá.

P/A – Realmente, a vida na roça é dura. A gente não tem como plantar. Meus pais vieram do nordeste e falam de toda esta dificuldade

Se ainda pensarmos nas Regras variáveis do Português Brasileiro encontramos o fenômeno denominado Rotacismo ou neutralização - /l/ > /r/, caracterizado como traço descontínuo: “planta” -“prantá” – Encontramos também o fenômeno denominado Apócope: ou supressão de um fonema final, como o /r/, na palavra

“prantá” considerado como traço gradual, em que a alfabetizadora faz nova ratificação da fala.

A professora alimenta a “prosa” no círculo de cultura buscando entrelaçar a realidade das histórias de vida dos alfabetizandos à realidade vivida hoje na cidade.

P/A- O que vocês pensam da chuva aqui na cidade?

A 5 – Às vezes tem alagamento. Tem barraco sendo destruído. Outro dia mesmo aquela criança morreu afogada na enxurrada. Ela morreu afogada com a tromba d’água. Ela estava no ônibus que “evinha” da escola aqui pertinho.

P/A – É mesmo, o ônibus escolar tinha acabado de pegar as crianças. Ele vinha da escola. E quando o ônibus passou no viaduto veio uma tromba d’água. Foi muito triste mesmo!

Aqui a professora faz outra ratificação sensível da fala do alfabetizando. O aluno realiza o fenômeno denominado “prótese” com o acréscimo de fonema no início da palavra, considerado um traço descontínuo: vinha/evinha.

### 3.3 Protocolo 4

P/A - Então, essas nossas lembranças nos fazem pensar em como a natureza anda desequilibrada. Por que será que isso acontece? Em alguns lugares tem tanto sol. “O chão chega rachar”, como vocês dizem. E em outros tanta água.

A1 – É o desequilíbrio professora. O homi maltratando a natureza. O homi mexe tanto, desmata. Acho que é o egoísmo do homi.

Aqui o aluno realiza outro fenômeno denominado desnazalização de sílabas finais considerado como traço gradual. Homi/homem E a professora faz nova ratificação da fala.

### 3.5 Protocolo 5

P/A – É mesmo Sr. José. A natureza está em desequilíbrio. Mas como a gente pode fazer para melhorar isso? Como pode ser nossa contribuição?

A1 – Acho que a gente pode cuidar mais do ambiente. Parar de tanto desmatamento.

A6 – É mesmo! E até pará de jogar lixo nas ruas. Fica entupindo as “boca de lobo”.

P – Vocês têm razão “As bocas de lobo” vivem entupidas. Uma coisa simples que pode melhorar a vida na cidade.

Assim a professora alfabetizadora faz outra ratificação sensível. O aluno faz uma concordância não redundante em uma marca de plural: “As boca de lobo”. A professora alfabetizadora ratifica a fala então: “As bocas de lobo vivem entupidas.” . Após a conversa no círculo de cultura a professora/ alfabetizadora vai ao texto da música e faz a leitura com a turma. Solicita que um alfabetizando circule a palavra chuva. Pede que conte quantas letras tem a palavra “CHUVA”. Quantas vezes movimentou a boca para falar. Ela trabalha a topologia das letras em cada letra da palavra (se tem retas, curvas -abertas ou fechadas - pontas, buracos). Ela repete o procedimento com as demais palavras do texto: SECA, FLORA, SERTÃO, MENINA, BONECA, AMOR, CORAÇÃO, MEIA, SAPATO, VESTIDO, PAI, FILHA, NAMORAR

Mandacaru  
Luís Gonzada

Quando **FLORA** na seca  
É o sinal que a **CHUVA** chega  
No **SERTÃO**  
Toda **MENINA** que enjoa  
Da **BONECA**  
É sinal que o **AMOR**  
Já chegou no **CORAÇÃO...**

**MEIA** comprida  
Não quer mais **SAPATO** baixo  
**VESTIDO** bem cintado  
Não quer mais vestir timão...

Ela só quer  
Só pensa em **NAMORAR**  
Ela só quer  
Só pensa em **NAMORAR...**

De manhã cedo já tá pintada  
Só vive suspirando  
Sonhando acordada  
O **PAI** leva ao dotô  
A **FILHA** adoentada  
Não come, nem estuda  
Não dorme, e nem quer nada...

Ela só quer  
Só pensa em **NAMORAR**  
Ela só quer  
Só pensa em **NAMORAR...**

Link:

<http://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/xote-das-meninas.html#ixzz2m2ZbnGuH>

### 3.6 Protocolo 6

Após a leitura do texto ela pergunta ainda:

P/A – O que é florar no sertão?

A7 – É dar flor.

P/A – Por que o mandacaru dá flor na seca?

A1 – É por que o mandacaru é a flor que resiste a seca . A flor símbolo do sertão.

P/A - O mandacaru também conhecido como cardeiro. É uma planta da família das cactáceas. É comum no nordeste brasileiro e não é raro. Ela atinge até mais de 5 metros de altura. Ela é muito resistente a seca.

Observamos nesta relação dialógica, fomentada no Círculo de Cultura a variedade de saberes trazidos pelos alfabetizandos entrelaçados aos conhecimentos da professora

### 3.7 Protocolo 7

A professora alfabetizadora mostra o cartaz com a imagem da chuva e seguida pede para a turma ler:

CHUVA

Mostra que as palavras são formadas por pedaço que podemos chamar de sílabas: CHU – VA. Pede que cada um leia a palavra CHUVA de forma bem divertida:

CHA	CHE	CHI	CHO	CHU
VA	VE	VI	VO	VU

- Só os homens
- Só as mulheres,
- Só os casados (olha que tem gente me enganando - ela brinca!)
- Só os que estão de bermuda)
- Só quem está de saia

- Só os que vendem cheiro verde
- Só quem vende banana

A professora alfabetizadora entrega uma ficha com palavras para cada aluno. São as palavras formadas por eles a partir do universo vocabular: O universo vocabular é a Materialização de um dos princípios freireanos em que se busca selecionar palavras do vocabulário dos alfabetizandos, a partir de pesquisa na comunidade envolvida. Para selecionar a palavra é preciso considerar: Possibilidade figurativa, Problemática existencial, Dificuldades Fonêmicas.

### 3.8 Protocolo 8

P/A - Eu quero formar com vocês algumas palavras.

Então ela mostra o quadro de descobertas com as sílabas das palavras já trabalhadas. O quadro de descobertas é um cartaz com as famílias silábicas já sistematizadas.

P/A – Se eu vier aqui (aponta a sílaba “CHA”). Que sílaba é esta?

As – “CHA”

P/A - E apontando a sílaba “VE”, pergunta. E que sílaba é esta?

As – “VE”

P/A – Então que palavra formou!

As – “CHAVE”

Em seguida ela pede que cada aluno lei individualmente as sílabas.

A8- É “CHAVI” professora.

P/A – Leia novamente D. Maria

A8 – CHAVI.

P/A – Isso mesmo é “CHAVI”. Vejam eu falo “CHAVI”, mas escrevo “CHAVE (com /E/). É que as vezes o /E/ tem o som do /I/. Nos temos jeitos de falar e jeitos de escrever. Às vezes é diferente o jeito de falar do jeito de escrever

### 3.9 Protocolo 9

Ao entregar cada ficha de palavra a cada alfabetizando ela sugere que cada um leia sua palavra.

P/A – Sr. José que palavra o senhor tem aí?

A1 – “CHALÉ”

P/A – O que é um CHALÉ?

A1- Uma casa pequena.

P/A – Isso mesmo. É habitação do pessoal que tinha direito de levar o rebanho para pastar nos Alpes, lá na Suíssa. (ela informa). É uma casa campestre suíça, especialmente da região alpina, feita de madeiras, com telhado de forte caimento e beirais avançados. Ela mostra uma figura de um CHALÉ.

P/A – Por favor Sr. José, venha aqui e cole sua palavra no quadro.

Ele cola a palavra no quadro e lê para a turma: “CHALÉ”

P/A – Cida, por favor leia a palavra para nós. Vê aí gente! Dá uma ajudinha na palavra da Cida- (Ela solicita percebendo a dificuldade da alfabetizanda)

A Cida cola a palavra no quadro. A turma lê: “CHI – CO”

A9 – Professora eu tenho um amigo chamado “CHICU”. Não é a mesma coisa?

P/A – É sim, Walter. É que as vezes no final da sílaba ou da palavra o /O/ tem o som de /U/. A gente fala “CHICU” com /U/, mas na hora de escrever a gente escreve com /O/. Uma coisa é o jeito de falar. Outra coisa é o jeito de escrever.

Então ela propõe que façam uma lista de palavras.

Assim se fala	Assim se escreve
CHICU	CHICO
CHAVI	CHAVE
LEITI	LEITE
TUMATI	TOMATE

DOCI	DOCE
MININU	MENINO
GATU	GATO
CACHORRU	CACHORRO

### 3.10 Protocolo 10

A professora alfabetizadora pede que cada aluno forme palavras a partir do quadro de descobertas. E pede que cada alfabetizando leia para a turma. A Alfabetizanda lê:

A10 – “LETU”.

P/A – “LETU”? O que é?

A10. O de tomar professora. O “letu” que a gente tira da vaca. A gente toma com café.

P/A –AH! “LEITE”! E solicita: “Quem pode trazer amanhã uma caixa de leite?”

No dia seguinte aparecem muitas caixas. A professora Alfabetizadora pede que recortem os rótulos. E ainda que leiam a palavra leite. Pede que cada um conte quantas letras têm, que letra começa, que letra termina, analisa a topologia das letras (retas, curvas- abertas ou fechadas – pontas, buracos-). Ela analisa a palavra falada pela aluna e a palavra encontrada no rótulo. Novamente ela diz: uma coisa é o jeito de falar, outra coisa é o jeito de escrever. Mais uma vez ampliando a competências orais e escritas dos alunos.

Ela solicita que outro aluno leia a palavra:

P/A – Pessoal, leiam a palavra para mim? E apresenta a ficha

LEI	TE
-----	----

As- “Leiti”

P/A – É “leiti” com /i/ ou é “Leite /E/?”

A1 – É leite professora. A gente fala “leiti” com /i/ e escreve leite com /E/. Como a senhora disse: tem o jeito de falar e o jeito de escrever. Às vezes o /E/ tem o som de /I/.

P/A – Isso mesmo Seu José. Gente Seu José lembrou. Uma coisa é o jeito de falar, outra coisa é o jeito de escrever. Lembram do nosso quadro da aula de ontem?

Encontramos aqui outra ratificação feita pela professora na relação entre os modos de falar e os modos de escrever. Percebemos também a elevação da vogal /e/ para /i/, considerado como traço gradual dentre as variáveis do Português Brasileiro.

#### **4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Após a análise dos dados percebemos que a metodologia aplicada por Freire está intimamente ligada às práticas de letramento ao propor uma alfabetização consciente e transformadora. Aqui buscamos ampliar este olhar com a incorporação de alguns saberes sociolinguísticos.

Ao refletir sobre o Português Brasileiro, e suas variáveis, os alfabetizandos podem relacionar os modos de falar e os modos de escrever construindo uma ortografia reflexiva como sugere Morais (2003).

Atuando na formação de alfabetizadores estaremos contribuindo com o fortalecimento dos Movimentos Populares ao ampliar as competências orais e escritas dos sujeitos envolvidos com a Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores – EJAT. Partindo das histórias de vida dos alfabetizandos, como propõe Freire, estaremos caminhando em direção aos saberes construídos, por meio do Universo Vocabular, desenvolvendo a oralidade no Círculo de Cultura, para chegarmos à análise da língua escrita em práticas de alfabetizar-letrando na EJAT. E assim estaremos diminuindo a distância entre aquilo que se fala e aquilo que se escreve.

Infelizmente em nosso país ainda temos inúmeros brasileiros que não tem acesso a essa cultura escolarizada. A realidade nos mostra que os sujeitos da EJAT procuram a escolarização na esperança de assinar seu próprio nome, ler a bíblia ou simplesmente pegar um ônibus. E pensar a Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores – EJAT é pensar em uma contribuição social. No uso social da leitura e da escrita.

O trabalho aqui proposto teve por objetivo mostrar que é possível diminuir a distância entre a cultura de oralidade e a cultura escolarizada, pois sabemos das



dificuldades dessa transição. Parafraseando Freire: enquanto tivermos um só brasileiro que ainda não domine o Sistema de Escrita Alfabético – SEA, esta PONTE sociolinguística precisa ser construída com os Movimentos Sociais em busca de garantir a educação como direito. Construindo PONTES poderemos entrelaçar caminhos na trajetória da igualdade social.



## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: Uma novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nóis chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola, 2005.

\_\_\_\_\_. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_ Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris, FERNANDES, Maria Alice. **Falar, ler e escrever em sala de aula: do período pós-alfabetização ao 5º ano.** São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Programa de Gestão da Aprendizagem Escolar: GESTAR II. Caderno de Teoria e Prática 3. Gêneros e tipos textuais.** (Maria Luiza Monteiro Sales Corôa). Brasília, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística.** São Paulo: Scipione, 1991.

\_\_\_\_\_ **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu.** São Paulo: Scipione, 1999..

DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DOCUMENTO INFORMATIVO DEL UIS NRO 15. **Resultados de la encuesta del UIS sobre programas de educación de adultos y alfabetización en América Latina y el Caribe.** outubro 2013.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 36a ed. São Paulo: Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_ **Educação e mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; MORAIS, A. G. de. **Alfabetizar Letrando na EJA: Fundamentos teóricos e propostas didáticas.** Coleção Estudos em EJA. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LENZI, Lucia H.C.; CORD, Denise (org). **Formação de educadores em EJA no campo: Compartilhando saberes.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

MORAIS, Artur Gomes de. **O aprendizado da ortografia.** (org.). 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender.** São Paulo: Ática, 2000.

REIS, Renato H. dos. **A Constituição do ser humano: mor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. Coedição - Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

RIBEIRO, Masagão Vera. **Letramento no Brasil**. São Paulo: Globo, 2004.

SOEK, Ana Maria; HARACEMIV, Sonia M.C.; STOLTZ, Tânia. **Mediação pedagógica na alfabetização de jovens e adultos** - PNBE. MEC. Curitiba: Ed. Positivo, 2010.

- Sítio: [www.forumeja.org.br](http://www.forumeja.org.br)
- Sítio: [www.forumeja.org.br/distritofederal](http://www.forumeja.org.br/distritofederal)
- Vídeo: “Histórias de um Brasil Alfabetizado – MEC/SECADI”
- Vídeo: Educar é Descobrir